

Editorial – Apresentação

MAIS UM NATAL

Então mais um Natal chegou!!!
Logo depois, mais um ano novo terá seu início!

O ano de 2021 foi um período difícil para todas as nações, todos os povos e para cada pessoa em particular. Após o espanto inicial de 2020, veio a certeza de que seriam tempos demorados e de sacrifícios. Algumas pessoas passaram por doenças e perdas de familiares próximos. Outras pessoas vivenciaram dificuldades com perdas no campo do emprego e do sustento familiar, em especial os grupos com pouca proteção social. Para algumas pessoas a permanência imposta em casa pelo confinamento foi um grande desafio, desencadeando transtornos na vida emocional por falta de preparo na convivência em tempo integral. Para outras ainda, foram momentos difíceis pela quase obrigação de estarem isoladas consigo mesmas e afastadas do ilusório barulho do mundo por um período tão demorado.

O Natal é uma época em que existe algo de diferente e de especial. Parece que a vida tem ritmo e brilho diferentes. Existe um ambiente de maior solidariedade, esperança, gratidão e fraternidade. As pessoas tornam-se mais solidárias e fraternas, os ambientes mudam e ficam mais agradáveis, leves e com um brilho mais intenso. Precisamos comemorar **esse Natal!** Não o Natal do mundo.

Nasceu Jesus em uma manjedoura, conforme os registros dos evangelistas e, desde aquela época, nasce Jesus também em nossos corações, quando nos abrimos para as necessidades, para a dor, para o sofrimento e para as dificuldades do próximo. O Natal de cada um é o momento do nascimento de Jesus no coração. E o cristão, como o espírita, que nas palavras de Paulo deve “... reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, ...” (ESE, cap. XV, item 10), precisa comemorar o Natal na intimidade do seu coração. Mais um ano especial no qual vamos comemorar o Natal ... dentro de nós.

O nascimento de Jesus foi um momento de alegria e de luminosidade para o Orbe. A sua chegada encheu de esperança os corações daqueles que presenciaram a sua vinda. Hoje Ele renasce e brilha todos os anos nos corações simples e sinceros daqueles discípulos que tem Jesus como o Condutor do Planeta, como o Mestre e o Irmão maior na caminhada até o Pai. O Natal é de alegria e esperança em dias melhores e de bem-estar íntimo pelo afloramento dos valores morais e de espiritualidade em nós. Esses valores são muito mais expressivos nesta época. Esse é o Espírito do Natal!

Natal é encontro com os amigos na nossa casa em torno da mesa... é alimento para a corpo e essencialmente para a alma! Jesus, no final da última ceia, quando estava se despedindo de seus discípulos mais íntimos e os preparava para o futuro sem a Sua presença, traz uma mensagem que muito nos conforta: “*Não vos deixareis órfãos. Voltarei para vós*”. (Jo XIV, 18). Jesus revela que nunca estaremos sozinhos e desamparados. Nos momentos de grandes dificuldades e provações, como os da atualidade, estaremos sob o Seu amparo e cuidado. Assim é o Natal dentro de nós, no conforto e na segurança do Mestre!

Natal é tempo de preparar o lugar: o lar e a casa para o acontecimento. Para recebê-lo é preciso que cuidemos do lar e da casa que amamos. Assim também acontece no CEACE. Ele foi cuidado e preparado com carinho e esforço de muitos, para que o retorno ao convívio presencial possa ser possível e aconteça da melhor maneira para todas as nossas atividades. Natal é tempo de encontro e de estarmos em comunhão de pensamento e sentimentos!

Natal é consolo para os que sofrem. São palavras de Jesus: “*Não são os que gozam de saúde que precisam de médico*” (Mt cap. IX, v 12). Ele veio para os pequenos, para os excluídos, para os perseguidos e os necessitados de toda sorte. Também a Casa de Jesus que frequentamos, o CEACE, terá que assistir aos Seus convidados. Assim, já estamos preparando a Instituição para ao retorno das atividades de acolhimento e tratamento espiritual, inicialmente com as reuniões mediúnicas e depois com as Reuniões Públicas. Em seguida, as atividades de Passes após as Reuniões Públicas, a Evangelização Infantil, a Mocidade e a Convivência Fraterna.

Natal é esperança! Natal é encontro! Natal é alegria!

Que o Natal de todos seja marcado por um significativo renascer de carinho e **amor**, de bondade e **caridade**, de sonho e **esperança**. Abramos pois os nossos corações às energias tão grandemente espargidas que esta época traz! Os sentimentos e os pensamentos serão sempre renovados ante o Natal de Jesus, com Jesus e por Jesus, em cada um, a cada dia e, quiçá, por todos os dias do ano novo que se inicia (2022)!

Feliz Natal e bom 2021/2022 a todos!

A Diretoria



A

casa

espírita

construída na

||

**intimidade do coração:
é uma realização de luz,**

||

**de paz, de equilíbrio, de harmonia,
de perseverança e de confraternização.**

||

**A construção de todos e que tanto amamos:
Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança.**

||

||

**nossas raízes: responsabilidade,
compromisso, tolerância, brandura,
amizade, carinho, dignidade e paciência**

Kardec, Espiritismo, racismo

Queridos amigos e irmãos, permitam-me começar este texto transcrevendo parte de brilhante artigo do Eduardo Affonso, arquiteto e colunista, que trata das questões relativas à **falta de contextualização** e da **cultura do cancelamento** que estamos vivendo nos dias de hoje:

“O limite de velocidade de uma estrada é reduzido de 100 para 80 km/h, e são notificados todos os que trafegaram, algum dia, acima da velocidade agora permitida. Inverte-se a mão de uma rua, e fica decidido que cometeram infração grave os que circularam no sentido estabelecido até então. As multas não param de chegar. Milhares de carteiras de motorista são cassadas.

Faz-se um acordo ortográfico eliminando acentos e alterando grafias, e procede-se à revisão de todas as provas de português dos últimos 800 anos, tirando ponto de quem um dia acentuou “ideia”, usou trema em “cinquenta” ou hífen em “dia a dia”. Currículos são refeitos; escritores, execrados por seus “erros crassos”.

Absurdo? É mais ou menos assim que os novos inquisidores vêm agindo em relação aos que não tinham bola de cristal e viviam em conformidade com sua época, não com a nossa. Medem os homens do século 18 com a régua moral do século 21. Consideram indignos de ser eternizados em bronze aqueles que tiveram escravos num tempo em que ter escravos era tão natural quanto é hoje ter empregados assalariados. E dá-lhe jogar tinta no Churchill, botar fogo no Borba Gato, mandar para o porão o Thomas Jefferson (ainda não se sabe se dinamitarão o Monte Rushmore, como fizeram os talibãs com os Budas de Bamiyan).

Pregam o multiculturalismo, mas deitam e rolam no cronocentrismo, imaginando o presente como o ponto culminante da evolução, o momento em que se atingiu a Verdade e as civilizações pretéritas serão passadas a limpo. É (de novo!) o fim da História, com o triunfo das suas pautas e o vencimento do boleto da dívida histórica.

E pensar que estivemos mal-acostumados com aquele princípio jurídico que garantia que a lei não retroage, a não ser em benefício do réu. E acreditávamos ser todos reféns do implacável Zeitgeist (espírito do tempo, ou o clima intelectual e cultural do mundo, numa determinada época).

(...)

É muito mais fácil exumar discriminações caducas que combatê-las, vivas, nas trincheiras do cotidiano.

(...)

A História não é o aqui e o agora, mas o conto de todas as cidades, de todos os povos, de todos os tempos.”

Fazemos essa introdução para tocar numa questão delicada e polêmica, eventualmente levantada pelos “novos inquisidores”: se Kardec teria sido ou não racista.

Racismo é indefensável, porque fere um dos princípios humanos mais universais e básicos – o da fraternidade humana – mas podemos tecer algumas reflexões se de fato e em que medida, se é que podemos medir o racismo, Kardec teria sido racista, que contexto de mundo era aquele em que ele vivia e se o Espiritismo, como filosofia, ciência e religião, defende alguma ideia de discriminação por raça, gênero, status econômico/social, religião ou cor da pele.

A palavra “racista” foi usada pela primeira vez por um panfletário francês, Gaston Mary, em 1894, 25 anos depois da morte de Kardec, e só passou a ser utilizada com maior frequência a partir da década de 1930 – o que mostra com clareza que a tomada de consciência do que é ser racista, por parte de um euro-

peu, é algo muito recente na história. Esse racismo ideológico, etnocentrista, nasce na época moderna a partir do imperialismo europeu – uma ideologia para justificar a escravidão, a dominação e a exploração dos povos colonizados.

Kardec publicou dois textos onde manifesta posição em relação aos negros, que hoje para nós são impensáveis: um artigo publicado na Revista Espírita de 1862 e outro, que aparece em Obras Póstumas, ou seja, não foi publicado por ele, e não sabemos se ele o publicaria ou não. O primeiro se chama “Frenologia Espírita e a perfectibilidade da Raça Negra” e o outro, “Teoria da Beleza”.

Qualquer pessoa com um mínimo de sensibilidade ficará aturdido ao ler frases como: “Um negro é belo para outro negro, como um gato é belo para outro gato” ou: “Os negros, pois, como organização física, serão sempre os mesmos; como Espíritos, são sem dúvida uma raça inferior, quer dizer, primitiva...” – aqui citados dois dos piores trechos.

Esses dois artigos foram escritos em circunstâncias específicas: primeiro, eram artigos que falavam de teorias da época, como a frenologia de Gall e uma teoria de estética de um ilustre desconhecido, Charles Richard. São ensaios de debate com o que naquele contexto eram considerados como teorias supostamente científicas, ou, pelo menos, hipóteses, que, aliás, o próprio Kardec trata como hipóteses.

Quando se estuda a Revista Espírita, sabe-se que ali era o lugar em que Kardec lançava hipóteses, dialogava com as ideias da época, seja para rebatê-las, seja para melhor compreendê-las, seja para aproveitar algo que lhe parecia plausível. Kardec deixou claro ainda que se algum dos princípios consolidados do Espiritismo fosse desmentido pelo progresso científico, o Espiritismo deveria acatar as novas ideias e novas hipóteses demonstradas. E, ao longo da obra compilada por Kardec, o que vemos consolidado é:

“Todos os homens são irmãos em Deus, pois que eles são animados por um espírito e tendem ao mesmo fim.” (O Livro dos Espíritos, questão 54).

“É contrária à lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos.” (O Livro dos Espíritos, questão 829 – lembrando que na época de Kardec a escravidão ainda vigia nos EUA e no Brasil). “A lei humana que consagra a escravidão é contra a natureza, pois ela trata o homem como um bruto e o degrada moral e fisicamente.” (Comentário de Kardec à mesma questão).

“...do estudo dos seres espirituais, ressalta a prova de que esses seres são de natureza e origem idênticas (...) chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raça. Eis o que ensina o Espiritismo.” (Revista Espírita, junho de 1867).

“[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor.” (Revista Espírita, 1861).

“Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.” (A Gênese, cap. I, item 36. Revista Espírita, 1867).

“Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como ir-

mãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais.” (Revista Espírita, 1863).

“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.” (O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XVII, item 3).

Ou seja, os princípios declarados no Espiritismo são a igualdade entre todos os seres humanos e o combate a todo abuso e violência contra a dignidade humana. É lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao Espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”, tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica ou social.

Isso ficou claramente demonstrado quando o Espiritismo chegou ao Brasil, ainda na vigência da escravidão, onde os espíritas eram abolicionistas e trabalharam pela igualdade étnica. Bezerra de Menezes era abolicionista, Anália Franco adotou as crianças negras que eram expulsas das fazendas quando da Lei do Ventre Livre, e depois em suas escolas, integrou mulheres e crianças negras, como professoras e alunas respectivamente. O mesmo fez Eurípedes Barsanulfo, seu contemporâneo. Isso numa época, final do século 19 e início do século 20, em que havia um projeto de “branqueamento” do Brasil, com a vinda de imigrantes italianos, alemães e outros.

A ideia da existência de raças superiores e inferiores não faz parte da filosofia espírita. Kardec não a incluiu nas obras fundamentais do Espiritismo e, pelo contrário, o que se tem em toda a obra é uma ideia essencialmente igualitária. A reencarnação fornece argumentos para essa igualdade. Se podemos renascer negros ou brancos, orientais ou africanos, homens ou mulheres, sendo o espírito sempre o mesmo, somos essencialmente iguais.

Por que então Kardec avaliou tais ideias discriminatórias e se aventurou a conversar com essas teorias etnocentristas e racistas de sua época?

Precisamos contextualizar a época de Kardec, isto é, calçarmos os sapatos de um europeu, branco, do século 19. Mais que isso, de um francês que, até onde sabemos, nunca saiu da França, a não ser para estudar na Suíça na adolescência e princípio da vida adulta. Um homem que era, como seus contemporâneos, testemunha do surgimento, naquela região do planeta, dos maiores cientistas, artistas, pintores e escultores da Renascença e épocas Moderna e Contemporânea. Homens que também eram contemporâneos dos maiores compositores clássicos da humanidade, naquela mesma região do planeta. E que não sabiam, mas em questão de anos seriam pré-contemporâneos de uma geração de cientistas que estabeleceriam as bases da Física Quântica e de todo o conhecimento científico derivado a partir daí. Que começariam a desvendar os mistérios do átomo e do Universo, ou seja, da própria Criação Divina.

Esse homem representava, na época, o ápice do desenvolvimento intelectual da humanidade. Porém, esse homem, assim como seus contemporâneos, jamais viu um negro a não ser nas exposições de zoológicos humanos, que foram feitas na Europa até meados do século 20 (!!!). Nesses verdadeiros circos de horrores, os negros e outras etnias eram expostos enjaulados, como animais – não eram vistos ou considerados com qualquer possibilidade de expressão de inteligência.

Kardec jamais viu ou soube de poetas e escritores como Cruz e Souza, Machado de Assis, Lima Duarte, de cientistas como George Carver, Katherine Johnson, Hamilton Naki, de músicos como Wynton Marsalis, Louis Armstrong, Ella Fitzgerald, Aretha Franklin, Pixinguinha, Candeia, de compositores ex-

traordinários como Duke Ellington, Gilberto Gil, ou de líderes como Martin Luther King e Nelson Mandela. Até meados do século 19, os negros não tinham voz, não recebiam educação e não desenvolviam seus talentos. Portanto, quem nunca tivesse convivido com um negro, poderia muito bem pensar que eles seriam incapazes de alguma coisa. Mesmo assim, no mesmo texto mencionado da Revista Espírita de 1862, ao finalizar, Kardec comenta sobre a raça negra: “(...) *mas, enquanto Espíritos, é outra coisa; ela pode se tornar, e se tornará, o que somos; somente ser-lhe-á preciso tempo e melhores instrumentos.*”

O cancelamento de personalidades do passado e do presente, por encontrarmos no meio de boas ideias e atuações positivas e inspiradoras, contradições ou incoerências, é o que podemos considerar bastante empobrecedor, radical e intolerante em nosso tempo. Isso é feito com Gandhi, Martin Luther King ou qualquer outra pessoa que se apresente para dizer algo. E aqueles que tentam fazer uma análise mais serena, abrangente e compreensiva são imediatamente acusados de “passar pano”.

É claro que existem seres humanos tão distanciados de um padrão humano mínimo, tais como Hitler, Stalin, Mao, Ustra e outros, que não há como aproveitar nada do que disseram ou fizeram a não ser para justificar um conhecido ditado alemão: “Ninguém é tão ruim que não possa servir como mau exemplo”. Mesmo com esses criminosos, sádicos, que não tiveram outra atitude que a de torturar e matar, não nos apetece o discurso de ódio. Podemos exprimir o lamento, a perplexidade, a interrogação filosófica e existencial sobre como um ser humano pode chegar tão baixo em sua própria humanidade, e não nos deixarmos envolver por vibrações mentais tão negativas.

A lição que nos fica é a de que, por melhores intenções e ideias que um ser humano possa ter, ele será sempre um filho de seu tempo, com suas limitações históricas e culturais. E se a pessoa em questão, como é o caso de Kardec, pregou a fraternidade entre todos, o amor ao próximo e a igualdade, não podemos destruir todas as suas contribuições por conta de alguma hipótese mal levantada. E lembrando da lição imortal do Mestre à turba que desejava apedrejar a mulher adúltera, “que atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.”

Finalizando, meus irmãos queridos, o dever que temos é, sim, o de combater qualquer forma de racismo e discriminação. Principalmente entre aqueles que fazem disso uma bandeira, como os nazistas ou membros de organizações racistas como a Ku Klux Klan, que se utilizam de tais teorias para semear o ódio, o assassinato em massa e a violência contra a dignidade humana.

Muita paz!

Paulo Bittar

Fonte:

Eduardo Affonso:

<https://questoesrelevantes.wordpress.com/2021/11/01/o-cancelamento-do-bom-senso/>

Dora Incontri:

<https://jornalggn.com.br/artigos/cancelamentos-historicos-e-o-racismo-de-kardec-por-dora-incontri/>

<https://blogabpe.org/2018/01/27/kardec-era-racista/>

FEB:

<https://www.febnet.org.br/porta1/2020/12/02/espiritismo-e-respeito-a-diversidade-humana/>

O QUE VOCÊ ESTÁ LENDO?

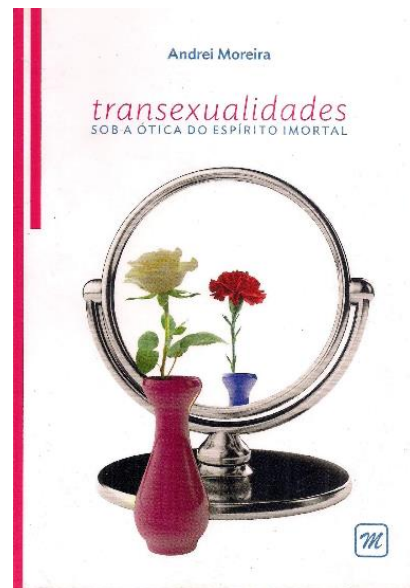
*Camila Sant'Anna compartilha conosco suas impressões e nos convida à leitura do livro **TRANSEXUALIDADE SOB A ÓTICA DO ESPÍRITO IMORTAL**, de Andrei Moreira*

Transexualidade sob a ótica do espírito imortal, de Andrei Moreira, é um livro que, pelo seu título, já chama atenção. A obra trata de um tema que eu, particularmente, nunca vi ser discutido no meio espírita, apesar da importância de se falar sobre pessoas LGBT dentro dos centros espíritas, para, não só quebrar os tabus existentes acerca dessa comunidade, mas também permitir que ela se sinta presente e bem-vinda.

Da mesma forma que em seu livro "Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal", Andrei inicia explicando de forma fácil os conceitos, muitas vezes confundidos, de identidade de gênero, orientação sexual e a própria definição de pessoas transgêneras e transexuais.

O restante do livro, pautado na ciência e no pouco que se tem sobre o assunto na literatura espírita, nos leva a refletir sobre a transexualidade, como uma condição encarnatória, como qualquer outra. Parafraseando Andrei, essa experiência transexual é individual, singular e tem seu caráter educativo. Portanto, não devemos entrar no antigo conceito de que pessoas LGBT devem se sublimar, pois esta condição seria sua verdadeira "prova".

Ademais, a obra chama a atenção para a transfobia presente no Brasil, fato que causa dor e sofrimento imensos para as pessoas trans e que, infelizmente, existe e é amplamente disseminado no meio religioso. Dessa forma, os capítulos frequentemente nos levam a pensar no nosso relacionamento, como espíritas, com as pessoas trans, e a identificar que às vezes discriminamos sem nem mesmo perceber.



Não quero me prolongar dando detalhes, para não estragar a reflexão que cada capítulo traz, mas algo que acho válido destacar é a constante presença de relatos de pessoas transexuais, contando suas vivências, incluindo sua relação com religião, espiritismo e fé.

Sendo assim, convido os leitores do Mensageiro Fraterno a embarcarem na aventura que "Transexualidade sob a ótica do espírito imortal" propõe, pois realmente acredito que esse livro é de extrema importância para a atualização de todos nós espíritas, para que possamos tornar nossa Casa um lugar ainda mais inclusivo.

Aconteceu no CEACE

A alegria das Convivências ao preparar, com carinho, os kits de Natal



Na primeira foto, o Encontro de Evangelizadores, planejando o retorno ao presencial. Na foto à esquerda, a Mocidade abrindo as portas dos trabalhos presenciais no Ceace, com uma pequena “sessão de cinema”.



REFLEXÕES DE 2021

Mais um ano que termina, repleto de desafios e de aprendizados. Em 2021 vimos a esperança crescer com o avanço da vacinação e, cheios de expectativa, aguardamos o momento de poder novamente abraçar familiares e amigos. Continuamos nos adaptando a novas formas de trabalhar, estudar e nos relacionarmos. Os estudos e reuniões em nosso CEACE, que no modo virtual funcionou ativamente, ensejounos o convívio e o refazimento tão necessários à renovação de nossas energias.

O ano foi marcado por muitas partidas para o plano espiritual de seres queridos e, também, de figuras públicas, lembrando-nos da transitoriedade da experiência carnal, mas também da bendita oportunidade de que desfrutamos aqui e agora de, no curso das vivências diárias, edificarmos nosso patrimônio espiritual. Tantos acontecimentos e mudanças em nossas rotinas trouxeram muitas reflexões.

O entendimento mais amplo da vida como uma grande teia em que todos estamos conectados, o maior sentido de interdependência, permeou os diversos debates nacionais e internacionais sobre a preservação do planeta e a necessidade de adotarmos práticas e formas de viver mais sustentáveis. Afinal, como nos falou Leon Denis, em seu lindo livro *O Grande Enigma*, “*saiidas de Deus, todas as almas são irmãs, todos os filhos da raça humana estão unidos através de laços estreitos de fraternidade e solidariedade*”. A Terra é nossa casa comum e, espíritos imortais que somos, a ela retornaremos em futuras encarnações, cabendo-nos como espíritas, e, portanto, conhecedores dessa realidade, uma significativa responsabilidade na preservação das formas de vida do planeta.

O apelo à solidariedade tem se mostrado urgente também, no horizonte mais próximo de nós, em nosso bairro, em nossa cidade, instando-nos a mobilizar os recursos de que dispomos - não só materiais - para levar um pouco de alento e conforto àqueles mais duramente atingidos pelas dificuldades econômicas agravadas pela pandemia. É visível o aumento da quantidade de pessoas em situação de rua que de tudo carecem e a quem, muitas vezes, o nosso olhar de ternura, a nossa prece silenciosa ou um singelo “bom dia” podem acalentar seus espíritos e afastar o desespero.

São muitos os chamados para que mobilizemos as potências de nossa alma em favor de nós mesmos, de nosso equilíbrio, e de nossos semelhantes. Que possamos, fortalecidos pela fé, e abastecidos pelos conhecimentos que nos proporciona a doutrina espírita e o Evangelho, reconhecer “as forças divinas que dormem em nós” e estender a mão aos que necessitam de amor, na forma de pão, de palavra, de escuta, de sorriso, de paciência, de amizade, de prece.

É chegado o tempo da renovação! O “livro” da natureza nos oferece belas lições a esse respeito, com o suceder das estações, os brotos, folhas e frutos sempre novos após cada ciclo, brilhando à luz do sol ou vicejando sob as chuvas. Sempre ofertando vida em qualquer circunstância.

Que às portas deste novo ano possamos nos colocar cheios de gratidão por chegarmos até aqui, plenos de confiança, ânimo renovado e alegria, porque somos seareiros da Boa Nova e como disse Jesus a Bartolomeu: “*já viste uma boa notícia não produzir alegria?*”*

*Humberto de Campos, Psi de F.C.Xavier, Boa Nova, Cap.8

Marta Xavier

NÃO HAVERÁ NATAL?*

Claro que sim!
 Mais silencioso e com mais profundidade,
 mais parecido com o primeiro em que Jesus nasceu em solidão.
 Sem muitas luzes na Terra,
 mas com a da estrela de Belém fulgurando trilhas de vida em sua imensidão.
 Sem cortejos colossais,
 mas com a humildade de sentir-nos pastores e servos buscando a Verdade.
 Sem grandes mesas e com amargas ausências,
 mas com a presença de um Deus que tudo plenificará.

Não haverá Natal?
 Claro que sim!
 Sem as ruas a transbordar,
 mas com o coração aquecido pelo que está por chegar.
 Sem barulhos nem ruídos, propagandas ou foguetes,
 mas vivendo o mistério sem medo do “covid-herodes”
 que pretende tirar-nos até o sonho da esperança.

Haverá Natal porque Deus está ao nosso lado!
 E partilha, como Cristo no presépio, nossa pobreza, prova, pranto, angústia e orfandade.
 Haverá Natal porque necessitamos de uma luz divina no meio de tanta escuridão.
 A Covid-19 nunca poderá chegar ao coração nem à alma
 dos que no céu põem sua esperança e seu maior ideal.

Haverá Natal!
 Cantaremos nossos cantos natalinos!
 Deus nascerá e nos trará a liberdade!

* Poema em livre tradução do Padre Javier Leoz, pároco de São Lorenzo, Espanha.



Mensageiro Fraterno é um órgão de divulgação da Doutrina Espírita produzido pelo Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança, com publicação apenas em mídias digitais – Edição e planejamento: Paula Sant'Anna, Camila Sant'Anna e Fernando Cyrino - Departamento de Comunicação Social e Mídias Sociais.

www.ceace.org.br Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança
 Instagram:@ceaceoficial Youtube:CEACE Palestra Virtual